

A HISTÓRIA DA PNEUMOLOGIA NA BAHIA: TRIBUTO AO PROFESSOR CÉSAR AUGUSTO DE ARAÚJO*

Almério de Souza Machado

Faculdade Medicina da Bahia (FAMEB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Salvador, BA, Brasil

Parafrazeando o famoso endocrinologista e eminente Professor da Universidade de Madri (Espanha), D. Gregório Maranhão (1958) no seu livro *Vocação e Ética*: “*Nem sempre os deveres que se cumprem espontaneamente são os mais gratos, nem os mais importantes. Às vezes é necessário que as circunstâncias nos conduzam a fazer coisas que, de outro modo, não faríamos, e com as quais, entretanto satisfazemos uma remota e profunda aspiração de nossa consciência*”⁽¹⁵⁾, o Autor do presente trabalho sentiu-se motivado a escrever tão relevante trabalho, sobretudo, porque foi convidado a proferir uma Conferência sobre a “História da Pneumologia na Bahia” na Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), durante o Ciclo de Conferência das Comemorações da Semana do Médico, que teve lugar no período de 15 a 20 de outubro de 1995, em Salvador (Bahia).

Em dezembro de 1993, várias gerações de Pneumologistas de Salvador se reuniram em jantar de confraternização, promovido pela Sociedade de Pneumologia da Bahia e pela Disciplina de Pneumologia da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, ocasião em que fui convidado a abordar vários assuntos relacionados com a Pneumologia na Bahia e no Brasil. Para ingressar na Academia de Medicina da Bahia, o autor objetivou registrar por escrito, o seu depoimento sobre este tema.

Agora não posso me eximir deste dever de publicá-lo neste número especial da Gazeta Médica da Bahia, Comemorativa do Bicentenário da primeira Faculdade de Medicina do Brasil, pois me sinto sobremaneira desvanecido por ter sido, por duas vezes, a relatar tudo, sobretudo para as novas gerações, como surgiu em nosso meio esta tão fascinante especialidade.

Como o primeiro Especialista em Pneumologia da Bahia, eu tive o raro privilégio de ter convivido, muito próximo e por prolongado período, com uma das figuras mais notáveis da Medicina Nacional, o Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO, considerado o maior incentivador e, porque não dizer mesmo, o iniciador da Pneumologia na Bahia e merecedor de um lugar de destaque nesta Especialidade.

Foi realizado um trabalho histórico utilizando como fonte de pesquisa, depoimentos (do próprio autor, dos familiares,

amigos e colegas), livros, discursos, palestras, reportagens de jornais e revistas e artigos em revistas especializadas.

Estruturou-se este artigo, destacando o papel da Tuberculose como marco para a evolução da Pneumologia como especialidade e, enfatizando o seu desenvolvimento no ensino médico, na produção científica e na assistência à saúde, ressaltando o papel desenvolvido pelo Professor César de Araújo.

A História da Pneumologia na Bahia

Clementino Fraga e Discípulos

Permita-me reportar aos primórdios deste século. Em 1903, diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, o Dr. Clementino Fraga, e, logo no ano seguinte, ingressou no quadro docente da Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1910, após notável e comentado concurso da “Belle-Époque” baiana, é nomeado Professor Substituto, galgando em 1914, aos 34 anos, o acme da sua carreira: a Cátedra da Clínica Médica. No exercício profissional e no magistério teve destacada atuação, não só na Medicina Interna, mas, em especial, na luta contra a Tuberculose⁽¹²⁾.

Foi o Fundador do Primeiro Curso de Tisiologia no Brasil e considerado o precursor do Ensino desta Especialidade, formando gerações e gerações. Promoveu intercâmbio com centros científicos do mundo e trouxe ao nosso País, as maiores sumidades no gênero. É dele a afirmativa: “A Medicina não é sacerdócio: é profissão. Profissão de altruísmo ... Da Tisiologia patrícia sou veterano...”. Os seus trabalhos são provas eloqüentes da sua preocupação: FRONTEIRAS DA TUBERCULOSE, TUBERCULOSE PULMONAR, DIAGNÓSTICO DAS SÍNDROMES RESPIRATÓRIAS, dentre outros, foram condensados no volume de Clínica Médica, publicado em 1918⁽¹²⁾.

Durante pouco mais de 10 anos, o Prof^o. Clementino Fraga exerceu com brilhantismo a Cátedra de Clínica Médica da Faculdade, dela se afastando em 1921, para cumprir mandato parlamentar, eleito que fôra Deputado Federal⁽¹²⁾.

No curto período em que exerceu o magistério o fez com proficiência, e o fato mais expressivo do seu desempenho foi a “plêiade de discípulos” de escol que formou. “Não foi apenas o Professor que deixou alunos, mas o Mestre que deixou discípulos”. Foi um “Garimpeiro de Valores”. Destacaram-se entre outros: César Augusto de Araújo, Arlindo de Assis, Armando Sampaio Tavares, José Olympio da Silva, Francisco de Magalhães Netto, Armínio Fraga, Afrânio Amaral, Sabino Silva, Luiz Pedreira Torres, além de seus, filhos Hélio e Clementino Filho⁽¹²⁾.

Permita-me salientar dentre estes:

Arlindo de Assis ausentou-se da Bahia, passando grande parte da sua vida trabalhando na Fundação Ataulpho de Paiva.

Recebido em 22/10/2007

Aceito em 31/10/2007

Endereço para correspondência: Prof. Almério de Souza Machado. Av. Princesa Leopodina, 185, Apto. 602, Graça – 40150-080 Salvador, Bahia – Brasil. E-mail: clippam@bol.com.br. *Trabalho originalmente apresentado para ingresso como Membro Titular da Academia de Medicina da Bahia, 1996.

Gazeta Médica da Bahia

2007;77: 2(Jul-Dez):195-209.

© 2007 Gazeta Médica da Bahia. Todos os direitos reservados.

No Rio de Janeiro, seu grande mérito foi, sem dúvida, o de ter cultivado, durante 40 anos, a estirpe BCG Moreau, - que recebeu do Instituto Pasteur de Paris “consagrada pelas investigações internacionais entre as melhores do mundo e aceita universalmente como meio profilático da Tuberculose”⁽¹²⁾.

CÉSAR DE ARAÚJO, o Mestre César como era conhecido por toda a classe médica, outro “Garimpeiro de Valores”, parafraseando o Professor Clementino Fraga Filho⁽¹²⁾.

A Terceira Clínica Médica

Em 1956, o ensino de Clínica Médica estava a cargo da 3ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia da então Universidade da Bahia, cujo Catedrático era o PROFESSOR CÉSAR DE ARAÚJO. Naquela ocasião como seu aluno, do 4º ano de Medicina, que tive a felicidade de conhecê-lo e dele me aproximar. Iniciou-se uma grande admiração pelo Professor, que exibiu uma sólida formação em Medicina Interna - haja vista a sua aprovação em brilhante concurso para a Cátedra, realizado em 1949 - aliado a um profundo conhecimento da Patologia Torácica, o que fez diferenciá-lo dos tisiologistas daquela época. Na realidade, o Profº. CÉSAR DE ARAÚJO iniciou a sua formação em Clínica Médica, embora demonstrasse precocemente o seu pendor pela Tisiologia.

Tendo concluído o curso médico aos 22 anos, já no ano seguinte enveredava pela carreira universitária, tomando-se Assistente Interino da 1ª Cadeira de Clínica Médica, tendo em 1927, defendido tese para Livre-Docência com o trabalho: **SÔBRE A INDICAÇÃO E OS RESULTADOS DO PNEUMOTÔRAX ARTIFICIAL NA TUBERCULOSE PULMONAR**, para, em 1930, reger interinamente a Cadeira de Clínica Médica, substituindo o Prof. Armando Tavares.

Com o falecimento em 1946 do Profº. Sabino Silva, Catedrático da 3ª Clínica Médica, o Profº. CÉSAR DE ARAÚJO o substituiu em caráter interino, tornando-se o seu titular em 1949, defendendo a Tese “**BRÔNQUIOS E TUBERCULOSE**”, em disputado concurso. Durante os 18 anos de exercício como Catedrático da 3ª Clínica Médica, além das aulas teóricas que ministrava com muita naturalidade e conhecimento, principalmente, sobre Diabetes Mellitus, Colagenoses e, obviamente, da Patologia Torácica, havia sessões na Enfermaria do Hospital Profº. Edgard Santos para discussão de casos clínicos. A Cadeira de Tisiologia estava sob a regência do Profº. JOSÉ SILVEIRA.

Espontaneamente, ainda em 1956, comecei a freqüentar o Ambulatório da 3ª Clínica Médica que era supervisionado pelos Drs. Osvaldo Vieira, Paulo Duarte Guimarães, Antônio Vidal dos Santos e Fernando Nova. Eventualmente, assistia as discussões de casos clínicos na enfermaria, ocasião em que o Profº. CÉSAR DE ARAÚJO, com extrema simplicidade e segurança, pontificava. Em 1957, fui o seu interno, cargo obtido após concurso, uma vez que naquela época o internato era remunerado, mas, no ano seguinte, foi extinto, em decorrência da instalação do Programa de Residência Médica no Hospital

Prof Edgard Santos. Em função das atribuições a mim confiadas, tinha contato diário na enfermaria com o Professor, oportunidade em que eram discutidas as observações clínicas, por mim preparadas, dos pacientes internados. Apesar de ser uma enfermaria de Clínica Médica, predominava a Patologia Torácica e foi então que me inclinei para o estudo das Doenças Respiratórias, pois era o único local onde se internava e se estudava as Pneumopatias não-tuberculosas e o Profº. CÉSAR DE ARAÚJO dominava o assunto com rara desenvoltura, embevecendo a todos aqueles que participavam das reuniões, com as suas lições e conhecimentos.

Apesar de, durante a sua vida universitária estar sempre ligada ao Ensino da Clínica Médica, era evidente a sua predileção para as Doenças do Aparelho Respiratório, haja vista o seu grande desempenho e a sua produção científica nessa área. Inicialmente e durante longos anos, dedicou-se com afinco ao “grande flagelo social que então dizimava a humanidade. A chamada “Peste Branca”, que assolava de maneira avassaladora em todo o mundo, não poupando sequer pessoas de melhor poder aquisitivo, inclusive um dos ilustres professores da nossa Faculdade: o Prof. Prado Valladares. “Havia medo generalizado da doença, inclusive dos próprios médicos. O fabuloso número de pacientes à mão não interessava à clínica privada, muito menos à assistência pública e gratuita. Os que cuidavam da doença, escondiam-se sob eufemismos diversos. Tisiólogos? Nunca... Preconceitos muitos. Tanto que, certo colega, não se utilizava de cigarros oferecidos por CÉSAR DE ARAÚJO, com receio de contágio”, conforme depoimento do Prof. JOSÉ SILVEIRA⁽¹⁷⁾.

E assim, o Profº César tornou-se um dos Pioneiros da Tuberculose na Bahia, já que o próprio Silveira confessou que, junto com o Profº. Valladares, se desinteressou pelo assunto. Na companhia do Grande Mestre Valladares, o que passou a fascinar foi a paixão pela Radiologia, tanto assim que a sua viagem à Europa se deveu ao fato de se aprimorar nesta Especialidade. Mais tarde, ainda na Alemanha, é que, por sugestão do Profº. Prado Valladares, foi aconselhado a “seguir novos caminhos”, diante da situação da tuberculose em Salvador, “doença que estava a carecer de atenções”⁽¹⁷⁾.

A Residência Médica

Em 1958, o Profº. ROBERTO FIGUEIRA SANTOS - que retomara recentemente dos Estados Unidos e logo que chegara havia assumido, através brilhante concurso, a 2ª Cadeira de Clínica Médica, da Faculdade Medicina da Bahia na vaga do Profº. José Olympio da Silva, implantou a Residência Médica do Hospital Profº. Edgard Santos em Medicina Interna e Cirurgia. Em 1959, tornei-me Residente de Clínica Médica tendo dispendido três meses na Enfermaria do Profº. CÉSAR DE ARAÚJO, porém, no 2º ano de Residência, optei pela permanência durante quase 1 ano na sua enfermaria, com curto interregno no Serviço de Radiologia, chefiado pelo Profº. Fernando Costa D’Almeida. Nessa ocasião, os laços de amizade tomaram-se mais estreitos e ainda no início de 1960 fui ao Rio de Janeiro, por recomendação do Profº. CÉSAR DE

ARAÚJO, entrar em contacto com os Professores Antônio Ibiapina e Henri Jouval no Instituto de Tisiologia e Pneumologia, a fim de, após a conclusão do 2º ano de Residência, estagiar, durante um período, naquele Serviço.

Ao retomar a Salvador, fui convocado pelo Profº. Roberto Santos a comparecer ao seu Gabinete e, na ocasião, me foi oferecida uma Bolsa de Estudos, concedida pelo Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos da América do Norte, para cumprir um Curso de Especialização de 18 meses, na Universidade de Pittsburgh, Pennsylvania, daquele País. Por indicação sua, um grupo de ex-residentes se dirigiu aos Estados Unidos, além de mim, os Drs. Agnaldo David de Souza, Ernesto Simões Neto, José de Souza Costa, José Duarte de Araújo, Marco Aurélio de Barros, os quais se incorporaram aos Drs. Luciano Pedreira de Cerqueira, Álvaro Rabello Jr. e Gilberto Rebouças, que já estavam lá há 1 ano.

O Profº. Roberto Santos com seu grande descortínio e clarividência, com a sua incontestável reputação nos meios científicos internacionais, além do seu prestígio aqui e no exterior, preocupou-se com a formação de vários profissionais em diversas especialidades clínicas e cirúrgicas, os enviando ao exterior para pós-graduação.

O Núcleo de Pneumologia

Regressando ao Brasil, em 1963, fui indicado pelo Profº. CÉSAR DE ARAÚJO, para ser o seu Assistente após ter se submetido a Concurso de Habilitação. Tem lugar então um grande impulso para o desenvolvimento da Pneumologia na Bahia, com o irrestrito apoio e ativa participação do Profº. CÉSAR DE ARAÚJO. No ano seguinte, começaram as atividades, sob a minha supervisão, do Ambulatório de Pneumologia, no Hospital Profº. Edgard Santos. O interesse pela especialidade é despertado, germinando um pequeno núcleo na 3ª Cadeira de Clínica Médica. Incorporou-se a ele em 1965, o Dr. Pedro Mello da Silva e, posteriormente, em 1966, o Dr. Antônio Carlos Peçanha Martins, ambos recém-formados. Reuniões freqüentes e bem movimentadas ocorreram. Discussões clínico-radiológicas com a participação dos Drs. Fernando Almeida e Lysalvaro Ferreira no serviço de Radiologia do Hospital Profº. Edgard Santos eram semanais. Não raras vezes, os próprios radiologistas, profissionais bastante experientes, consultavam, para tirar as suas dúvidas, o Profº. CÉSAR DE ARAÚJO.

Os Drs. Dinálio Tolentino Álvares e Nahum Chaperman constantemente traziam casos clínicos do “Santa Terezinha” (Atual Hospital Especializado Octávio Mangabeira) para consulta, esclarecimentos e mesmo internamentos. Lembrome perfeitamente que, ao analisar radiografias do tórax, vários de nós deixavam de ver algumas “sombrias” e o Profº. CÉSAR DE ARAÚJO nos mostrava, dizendo: “Nada mais difícil de ver do que aquilo que está diante dos olhos”. E frases lapidárias eram repetidas: “Pensar em tuberculose a propósito de tudo e a propósito de nada”, “Tem muitos vírus a procura de doença”. “Em Medicina quanto mais se corre, mais se fica para atrás”. “En la Médecine comme en l’amour ni toujours ni jamais” (na

medicina como no amor, nem sempre, nem nunca). “Nem tudo que pia é asma”. “Radiografia não tem frente, nem costas”.

A enfermaria era bastante freqüentada por vários discípulos e ex-colaboradores seus, além de amigos fraternos que iam visitá-lo, buscar aconselhamentos, tais como Luiz Fernando Macêdo Costa, Antônio Luiz Matheus Biscaia, Rodolpho Santos Teixeira, Raimundo Bittencourt, José Almeida (Zelito) Magalhães, Péricles Cardoso, Afonso Maciel Neto, Raul Chaves.

Aquele pequeno núcleo interessado na Pneumologia, participaram também os Drs. Durval Olivieri e Pedro Alaim Martins Garcia que, embora exercessem outras especialidades médicas, chegaram mesmo a ministrar aulas no 1º Curso de Pneumologia em 1967, patrocinado pela 3ª Cadeira de Clínica Médica, aprovado pelo Conselho Departamental da Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA e que esteve sob a minha coordenação. O Curso foi um sucesso. Médicos e estudantes participaram, em grande número, denotando um grande interesse pela emergente especialidade.

A patologia torácica era bastante diversificada e vários casos cirúrgicos foram encaminhados para, inicialmente, o Profº. Fernando Carvalho Luz e depois aos Professores Fernando Visco Didier e Augusto Teixeira. Sessões de correlação clínico-anatomopatológica eram realizadas no Serviço de Anatomia Patológica com a participação também dos Profºs. Clarival de Prado Valladares, Jorge Studart, Sérgio Santana Filho.

A broncoscopia rígida era realizada pelo Profº. Carlos Moraes, Catedrático de Oto-rino-laringologia e pelo Dr. Nahum Chaperman. Só não dispúnhamos da avaliação funcional pulmonar, porém, pouco tempo depois, conseguimos o espirômetro de Collins, cedido pelo Dr. Antônio Natalino Manta Dantas, que o havia encontrado abandonado em uma das dependências do Hospital Edgard Santos.

A Grande Epidemia

Sabia-se que, em 1935, morriam 1.600 pessoas, por ano, de tuberculose pulmonar, somente na Capital (cêrca de 400 por 100.000 habitantes), a mais elevada do Brasil e uma das mais elevadas dos centros civilizados do mundo.

Em setembro daquele ano, o Profº. CÉSAR DE ARAÚJO clama contra tal situação e em 1936, surge um ponderável movimento de reação contra a Tuberculose. Em 21 de maio desse mesmo ano, pronuncia uma palestra no Rotary Clube da Bahia, expondo com fidelidade e crueza as condições adversas existentes para o combate a doença e apela com veemência para que se tomem providências para sanar tal situação, clamor este que é corroborado pelo Profº. JOSÉ SILVEIRA, mais tarde em pronunciamento feito no 1º Congresso Regional de Medicina da Bahia, quando afirmou que “a Tuberculose é um flagelo de tão extraordinárias proporções que se não lhe opuzermos uma barreira tão forte, em combate enérgico e tenaz e bem orientado, seremos responsabilizados, nas gerações vindouras pelo crime de lhes haver legado o maior fator de degeneração e miséria”⁽¹⁷⁾.

Transformações importantes têm lugar. Em 31 de julho de 1936, foi entregue ao Profº. CÉSAR DE ARAÚJO a Inspecção

de Profilaxia da Tuberculose para chefiá-la, tendo ele também “estendido o seu labor ao Dispensário Ramiro de Azevedo, transfigurado das ruínas a que chegara ao esplendor, pelo arquiteto do bem”⁽⁸⁾.

Reinaugurado em 29 de maio de 1937, o Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO inicia o seu discurso em solenidade presidida pelo Interventor do Estado da Bahia, Juracy Magalhães: “*É com emoção - mas emoção viva e profundamente sentida - que falo, neste momento, em que, revivendo das quase ruínas em que havia parado, num admirável “SURREXIT”, se reinaugura o Dispensário Ramiro de Azevedo, o velho reduto de onde clarinaram na Bahia, os primeiros gritos de rebato contra a maior das nossas calamidades sociais, o local onde, na clausura dos consultórios entre a dor e a indigência, desde a minha manhã profissional, tenho passado boa parte da vida, encontrando em cada canto uma reminiscência, que a memória espelha em seus relevos*” e termina, assim se expressando, que fala ... “*Em nome dos que sofrem e dos que choram a tragédia da Peste Branca, “em nome dos que da vida, só conhecem as limitações miseráveis do destino, tanta vez injusto e cruel”... “em nome dos que, na exaustão das forças para vencer, perderam as prerrogativas dos mimos confortativos... .. “em nome dos que passam em andrajos dolorosos da maior penúria” ..., “em nome dos que roçam no lado das alfurjas”..., ... “em nome dos que se amontoam no muladar das obscuridades purulentas” ... “em nome desses todos, meu Deus, que não têm um pouco de ar nos seus cochicolas de taipa, nas suas mansardas frágeis como ninhos, dependurados nas galharias dos montes, que os ventos arrebentam, as chuvas destroem, as erosões desmoronam”... .. “em nome dessas vítimas das desigualdades fatais, das cegas distribuições da sorte, que os teoristas da dor alheia capitulam de lógicas condições de vida” ..., “em nome desses todos que vivem no casario infecto urbano, suburbano e infra urbano, sem graça, sem alegria, sem sustento, em nome do tuberculoso pobre, em nome do vigor e da saúde da sua gente, dizimada pelas vidas que o flagelo todos os dias, todos os meses, todos os anos, impiedosamente vai ceifando, em nome, por termo, dos mais sagrados princípios de solidariedade humana”⁽⁸⁾.*

Naquele mesmo ano, mais dois Dispensários periféricos foram organizados nos Centros de Saúde, dotados de Radiologia e Colapsoterapia, além de um Dispensário Infantil, graças ao Prof^o. Martagão Gesteira, Drs. Álvaro França Rocha e Álvaro Bahia. Ampliou-se o Serviço de Calmetização, introduzido na Bahia pelos Professores Eduardo Araújo e Alfredo Britto, onde se procedeu controle clínico, radiológico e bacteriológico das crianças vacinadas.

A Luta Anti-Tuberculose

Em 30 de abril de 1936, a Fundação Anti-Tuberculose Santa Terezinha foi instalada com a finalidade precípua de prestar assistência material aos doentes (distribuição de gêneros alimentícios e utilidades) e tem como Presidente da solenidade a Sr^a. Lavínia Magalhães, esposa do Interventor Federal na

Bahia, o Cel. Juracy Magalhães. O Prof^o. César de Araújo, designado Diretor Técnico Vitalício da recém criada Fundação, contando com o apoio integral do Governo do Estado, pronuncia discurso: “*Infelizes Irmãos Nossos!*”... em que retrata a situação calamitosa da Tuberculose, informando que a Bahia ... “*cidade com legenda de hospitaleira, mas, quase sem hospitais para os pobres, não dispõe nem de 50 leitos (!) no benemérito Hospital Santa Isabel*”. E, citando a parábola do bom Samaritano, apela: “*Grandes e pequenos, nobres e humildes, precisamos adotar a lição evangélica no que toca ao tuberculoso pobre da Bahia, não é possível que continue o que está acontecendo... a situação do tuberculoso em nosso meio é de um desolador abandono! É o tuberculoso indigente, o tuberculoso que não tem “leito, que não tem pão, que vive à toa, sofrendo como pária, escorraçado, temido, sem saber ao certo onde acabar com a imensidade de seu martírio*”. É uma “*verdadeira tragédia de infortúnio, gerado pelo conluio sinistro da doença e da miséria!*”. “*Mais de três lustros de contacto com essa pobre gente, me aprimoram os sentimentos de piedade por tamanho infortúnio!*” ... “*Desgraçados irmãos nossos, que nasceram sob o esplendor do mesmo céu, porém para os quais a sorte ingrata reservou o travo das supremas amarguras*”... E lançou campanha para construção do Hospital⁽³⁾.

Os dados apresentados sensibilizaram sobremaneira o Governo do Estado e, - pelo fato do Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO ter sido médico particular do Interventor do Estado da Bahia, Juracy Magalhães, - em 27 de abril de 1937 tem início a construção do moderno Hospital Sanatório Santa Terezinha com uma Maternidade Anexa.

Em 16 de setembro de 1936, é fundada por CÉSAR DE ARAÚJO a Sociedade de Tisiologia da Bahia, ocasião em que compareceram clínicos e tisiologistas, tendo como Presidente da cerimônia, o Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, Prof^o. Edgard Santos e como secretários, os Professores CÉSAR DE ARAÚJO e Adriano Pondé⁽¹⁸⁾.

Em 21 de fevereiro de 1937, ao retomar da Alemanha, o Prof^o. JOSÉ SILVEIRA inaugura o Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose (IBIT), no Ambulatório Augusto Vianna da Faculdade de Medicina da Bahia com a “finalidade puramente científica”, sendo a primeira organização existente no Brasil com esse objetivo. No seu Conselho Consultivo, participaram os professores Edgard Santos e CÉSAR DE ARAÚJO, como Presidente e Vice-Presidente, respectivamente⁽¹⁸⁾.

Em maio de 1939, é realizado o 1º Congresso Nacional de Tuberculose no Rio de Janeiro, onde são discutidos os problemas graves da doença, oportunidade em que o Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO, Conselheiro de Honra, teve destacada atuação, apresentando o trabalho: “A Incidência de Tuberculose no Preto” e o Prof^o. JOSÉ SILVEIRA abordando o tema: “Bases para Organização da Luta Anti-Tuberculose em face do atual momento epidemiológico do Brasil”⁽¹⁸⁾.

Em 20 de julho de 1939, o Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO proferiu palestra no Rotary Clube da Bahia, lançando a idéia

para a construção do Preventório na Luta Anti-Tuberculose, que seria uma “notável obra de solidariedade humana”. E solicita “urgência de dar combate sério e decisivo à maior das nossas calamidades sociais” e mais adiante acentua “que continua a devastação todos os dias, todos os meses, todos os anos, anulando silenciosamente para o trabalho e para a vida, um número considerável de vítimas, semeando por toda a parte a desolação, o sofrimento e a morte”... “É o patrimônio humano da nacionalidade que vai se dilapidando”... Afirma que “o Preventório acode a 2 objetivos: afasta a criança do ambiente contaminado e procura remover as deficiências orgânicas, com uma vida higiênica rigorosa, fiscalização especializada, aparelhando-a melhor na defesa contra a doença”... “Sã ou infectada, porém não doente, a criança aí encontra ambiente sadio, educação, controle médico e terá exaltadas as suas energias defensoras. Isto posto, dir-se-ia que internados os contagiantes, o perigo deixaria de existir”⁽⁹⁾. As suas palavras ecoaram favoravelmente, obtendo valioso e inestimável apoio de um grupo de senhoras representativas da sociedade baiana, que, após adquirirem uma chácara em Brotas, de propriedade da Sr^a. Henriqueta Catarino, iniciaram a sua construção.

Em agosto de 1939, é também editada pela primeira vez por CÉSAR DE ARAÚJO a “Revista de Tisiologia da Bahia” que, por ter encontrado grandes dificuldades, não teve vida longa, como soe acontecer, até os dias atuais, como as Revistas Médicas da Bahia.

Em 1941, realiza-se o 2º Congresso Nacional de Tisiologia que, entre os temas oficiais, figura o de “Tuberculose rural e nos pequenos centros urbanos”. O Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO expõe, em uma análise bastante meticulosa, o seu trabalho que foi publicado na Separata dos Arquivos de Higiene, número 1, de junho deste mesmo ano, chegando a várias conclusões, das quais saliento algumas⁽¹⁰⁾.

“Os dados que possuímos, no momento, sobre Epidemiologia da Tuberculose no Brasil, referem-se quase exclusivamente às Capitais, muito escassos sendo aqueles relativos ao Interior”,

“É de maior interesse investigar a situação epidemiológica no Interior para conhecimento das cifras de infecção e da doença, e mais, das populações, dos seus costumes, de suas formas e de meios de vida”,

“O Interior da Bahia vem sendo progressivamente infectado, nisso tendo grande parte as relações inter-humanas com a Capital e outros Centros, o grande número de doentes que rumam para o Interior, ora em busca dos “climas bons” ora de volta a seus “ambientes familiares”, a falta de educação sanitária, o baixo padrão de vida, as endemias rurais, a deficiente assistência médica ...”,

“A luta anti-tuberculose deve ser intensificada nas Capitais, mas, também, dentro de nossas possibilidades, ir atentando na situação do interior, principalmente daqueles centros de maior relação

comercial e inter-humana com as mesmas, onde as curvas epidemiológicas demonstram maior gravidade da questão”, e no seu último tópico, acentua que:

“... dada a dificuldade do seguro social atingir grande parte das populações rurais, urge que, ao lado dos organismos para estatais, o poder público tenha a iniciativa das providências necessárias à deficiência dessa grande empresa de redenção nacional”.

A Memorável Cruzada

Em 3 de janeiro de 1942, como Diretor Geral do Departamento de Saúde da Secretaria de Saúde e Assistência, o Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO na cerimônia inaugural do Hospital Sanatório Santa Terezinha e na presença do Interventor Federal da Bahia, Dr. Landulpho Alves, pronuncia discurso em que assinala: ...”Diante desse monumento, símbolo de piedade e, sobretudo de justiça social, que, dentre em pouco, acolhedor e a altura de sua missão, abrirá as suas portas ao tuberculoso anônimo da Bahia” ...”Santa Terezinha!” ... órgão de saúde e de assistência, instrumento de prevenção e amparo, flor do progresso e da solidariedade da nossa terra.”... “A nossa maior doença é bem uma questão de excepcional gravidade, cuja constante endêmica só não apavora, porque já os familiarizou com o mal, no hábito de lidar com o perigo, que, de indivíduo a indivíduo, despoeva os lares, aniquila famílias inteiras, atinge a comunhão e desfibra a raça”⁽⁵⁾.

O Professor César Araújo assumiu a direção do Hospital Sanatório Santa Terezinha, logo após a sua inauguração.

Em 29 de setembro de 1944, o Instituto Brasileiro para a Investigação da Tuberculose (IBIT) inaugurou a sua sede própria na Federação, em presença da Sra. Ruth Aleixo, esposa do Interventor Federal da Bahia General Renato Pinto Aleixo, dentre várias autoridades de expressão nacional. Usou da palavra o Prof José Silveira, diretor daquele centro científico, que falou sobre o “significado do acontecimento e das finalidades do Instituto, frisando entre o trabalho de rotina no ambiente e as investigações e pesquisas que devem prevalecer em todas as atividades daquele estabelecimento”. Entretanto, toda a construção fora orientada com o objetivo de: “assistência aos tuberculosos e profilaxia da doença, ensino e pesquisas, além de preparo de técnicos e especialistas”⁽¹¹⁾.

Em 17 de maio de 1945, após memorável cruzada que agitou e comoveu a alma da Bahia, foi inaugurado o Preventório Santa Terezinha - fruto de um trabalho da Fundação Anti-Tuberculose Santa Terezinha, cuja finalidade era de caráter filantrópico e constituída de “senhoras admiráveis - almas de apóstolos e de patriotas, bondade e ação, a viverem um grande ideal de civismo e de religiosas da solidariedade humana - o ideal de uma vida melhor para os filhos dos tuberculosos ... o ideal de uma Bahia melhor sem crianças vítimas da sinistra doença!”⁽²⁾. O Preventório tinha capacidade para abrigar 100 crianças de 4 a 10 anos, filhos de tuberculosos pobres e dispunha de instalações com toda a infra-estrutura para um atendimento modelar para os padrões

da época. Todo o equipamento fôra doado pela Sra. Ruth Aleixo, que ocupava a Presidência da Legião Brasileira de Assistência. Na solenidade de inauguração, o Prof. CÉSAR DE ARAÚJO proferiu discurso, intitulado: *“Em nome dessa infância que nem sabe sorrir”*..., em que destaca ter sido *“uma vitória de ter sido esforço da Fundação Santa Terezinha, em anos a fio, de um trabalho sem pausas. Realidade de uma notável obra de solidariedade humana. O Preventório Santa Terezinha, na pontualidade dos carinhos e nos ofícios da Ciência, destinados à redenção de tantas crianças que, sem eles, iriam ser feridas e aniquiladas pela tuberculose”*... *“Assim o Preventório Santa Terezinha vem preencher uma grande lacuna no nosso armamentário anti-tuberculoso. Porque cresce, é cousa sabida, a incidência de tuberculose na Bahia na fase de franca epidemia que cursamos. E de formas graves”*. E cita que Armand Dellile, na França, relata que crianças em contato com tuberculosos adoecem na proporção de 60%, e morrem na de 40%; afastadas do lar infectado, a morbidade é de 0,3% e a mortalidade de 0,01%. E conclui a sua oração, afirmando que *“a Bahia agradece enternecida, em nome desta infância que padece aí além, nos ermos e magoados horizontes das desigualdades humanas. Em nome dessa infância que nem sabe sorrir como sorriem as crianças, porque da vida não sabe mais nada que a penúria de todo ano. Em nome dessa infância desamparada que tem a espreitar-lhe a vida em botão, nos lares contaminados, o germe da tuberculose, que a marcará inexoravelmente para o sofrimento, para o martírio e para a morte”*⁽¹⁾.

De 15 a 22 de setembro de 1946 tem lugar a III Semana Anti-Tuberculose da Bahia, precedendo ao 3º Congresso Nacional de Tuberculose, e o Prof. CÉSAR DE ARAÚJO profere o seguinte discurso na sua abertura⁽⁶⁾:

“Nem um problema na Bahia, está a clamar por providências mais imediatas, mais urgentes, que o da tuberculose. Porque uma verdadeira calamidade, praticamente licenciada, no raio imenso de seus flagícios e que vem, assustadoramente, desbordando da Capital, seu velho matadouro, para os inermes núcleos urbanos do interior e, até, para as zonas rurais.”

“Sem flores de retórica, essas flores de artifício que tanto têm prejudicado o Brasil, a verdade dura e triste é esta: a Bahia que no Brasil, sempre teve um primado nas artes, nas letras, nas ciências e em tantas cousas mais, a Bahia que naquela frase conhecida de D. Pedro II, era “sempre a Bahia”, tem hoje mais este sombrio galardão: é a cidade do Brasil em que se está morrendo mais de tuberculose! Ano de 1944, por exemplo: Bahia - 569,6 óbitos por 100.000 habitantes, Curitiba - 126,4 por 100.000 habitantes (a menor do Brasil). Nos Estados Unidos: New York - 47,9 por 100.000 habitantes e Iowa - 15,0 por 100.000 habitantes (a menor taxa daquele país)”... E, pateticamente proclama: *“o que não se pode continuar é esse suicídio coletivo, nem sequer*

heróico, da beleza trágica de um sabre a rasgar o ventre de um samurai, mas suicídio lento e indecoroso, que transforma esta grande paragem sul americana em hospital ao ar livre”... *“Suicídio, sim, é o termo. Porque já passou a época em que a Tuberculose era considerada incurável. E um mal que se não podia prevenir.”* E enfático afirma: *“CURA-SE A TUBERCULOSE E A TUBERCULOSE SE EVITA”*, e, mais adiante informa: *“Começa hoje a Semana de Tuberculose na Bahia. Um clamor do coração e do espírito da Bahia - boa, generosa, heróica e pia de todos os tempos. O toque de reunir para a grande cruzada cívica tão grande quanto a de emancipação política - porque pela redenção do jugo da maior de todas as pragas sociais. Rumorosa, esplendente, iluminada de amor e de fé, a mobilização começou. Contra a tuberculose! Pela Bahia e pelo Brasil.”*

E ao concluir sua alocução, esperançoso, diz: *“Creio que todos trabalharão, ato de defesa e ato de altruísmo, para que não cresça de ano para ano a hecatombe de tantos irmãos nossos ... e não se avolume tanto sofrimento sem remédio... e não se lamente tanto luto... e tanta orfandade ...tanto martírio e tanto desamparo.”*

E ao término da Semana Anti-Tuberculose, em discurso no Salão Nobre do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o Prof. JOSÉ SILVEIRA conclui: *“Ouviram-se, então as mais primorosas e sábias orações. Ante os nossos olhos, em tons muito fortes, o quadro lúgubre, mas verdadeiro, da tuberculose em nosso meio, eloqüentemente esboçado pela inteligência brilhante de CÉSAR DE ARAÚJO. E dos nossos ouvidos ecoam ainda as notas vibrantes do seu apelo a um tempo angustiado e confiante”*... *“...Iniciaremos o grande combate à doença, já agora, não apenas pelas vozes quixotescas dos que pareciam pregar no deserto, mas pela vontade decidida e firme do nosso povo”*... *“A alvorada desse dia magnífico em que possam as gerações vindouras apagar definitivamente a mancha negra da tuberculose que tanto nos humilha e nos avilta ante os povos civilizados do mundo”*⁽¹⁸⁾.

Ainda em 1946, o Prof. CÉSAR DE ARAÚJO preside o 3º Congresso Nacional de Tuberculose na Bahia, apresentando também como Co-relator, o tema: *“O Diagnóstico e o Tratamento Precoce como Base da Campanha Contra Tuberculose”*.

Em 1957, foi inaugurado o Centro de Pesquisas e Dispensário CÉSAR DE ARAÚJO, fruto da sua obstinação em prol da luta contra a Tuberculose, considerado *“órgão vanguardeiro de combate à tuberculose, destinado ao exame especializado, diagnóstico, tratamento e orientação da comunidade da sua área de ação”*⁽⁷⁾.

A Grande Mágoa

O Prof. CÉSAR DE ARAÚJO dirigiu o Hospital Santa Terezinha de 1942 até 1946 e, já no final da sua gestão, capitula

magoadado, vítima da injustiça, ingratidão e aleivosias. Envia ao Redator do Jornal “Diário da Bahia”, uma carta, publicada na edição de 7 de junho daquele ano, em que refuta uma série de acusações veiculadas no dia 12 de maio de 1946. E logo no início da sua missiva afirma ...”saber existir, na sombra, de há muito, um “silencioso roer de traças”, no nome e na vida desse pobre Hospital, que um idealista fez viver um dia. Sim, um idealista que, tôlo como todos os idealistas, em vez de cuidar somente da sua vida, como faz toda gente de juízo, deu de se meter na alheia (“o diabo do piolho do ideal!”), sim, a dessa gente ao desamparo, vítima da tuberculose, que andava morrendo nas sarjetas e tantas vezes deixava de recuperar a saúde por não ter onde. Pediu, rogou, falou, perdeu tempo, fez até maus discursos ... sem ao menos acalantar a esperança de reserva de um canto qualquer no Céu”... “Afinal de contas, a termo de tantas lutas, no fim da vida, vou chegando à conclusão de que realmente o melhor caminho para qualquer idealista é “pôr os seus ideais em uma garrafa de álcool”, como disse Monteiro Lobato. Para que lutar pela sua realidade? Para que viver incompreendido? Lapidado? Quase desmoralizado? ...”Difamar não é corrigir”. “E se corrigir é o que se pretende, o caminho, verdadeiramente, não poderá ser nunca o da difamação de um Instituto, cujo trabalho árduo e heróico para viver, se não merece admiração, deve merecer respeito, e, se não respeito, pelo menos piedade!”. E já no fim da sua carta-resposta ao referido jornal, declara: ... “o maior responsável pelas coisas más do Santa Terezinha, sou eu. Sim. Eu que o sonhei. Que concorri para que ele se fizesse realidade. É claro, e nisso estou com o Conselheiro Acácio, que se ele não existisse, nada também existiria. Ainda a Bahia estaria, provavelmente apelando para os poderes públicos, coisa muito clássica e muito comum nesses “Brasis”. Belos artigos! Belos discursos! E os doentes que esperassem! Mais prático, realmente, para o apostolado e menos prático para os doentes. Mas, perdoe-me a Bahia se me impacientei. É que não podia mais ver naquele “Ramiro de Azevedo”, onde trabalho desde a minha manhã profissional, tanto desamparo e tanto sofrimento. Doia-me o coração. Dominou-me a inquietação. Não foi por mal, confesso e perdoem-me. Foi o anseio de alguém que, tendo conhecido o sofrimento, na sua infância pobre, não podia considerar o que via “lógica condição de vida”. E não ouviu os homens de Juízo que lhe diziam “ser o Santa Terezinha” uma obra de louco. “Que o Santa Terezinha não era uma empresa para a Bahia”. Sim, não ouvi e tudo fiz para que ele fosse uma realidade. Tudo esqueci, a minha clínica particular, levando horas inteiras na Secretaria da Viação, acompanhando a planta do futuro Hospital. Procurando terreno. Acompanhando a obra. A instalação. Pedindo. Aborrecendo, importunando de jeito que, fui até apelidado “Santa Terezinha”. “Talvez um dia façam justiça ao meu esforço. Por enquanto, a maior recompensa que tenho tido é a da consciência que me segreda, na intimidade de suas confidências que, como homem e como médico, tenho procurado cumprir o meu

dever... Ao Santa Terezinha só me prende o ideal de vê-Lo cada vez melhor. Se para isso for preciso mudar de mãos... que mude! Que viva porém!...”⁽⁴⁾.

Após ter deixado a Direção do Hospital Santa Terezinha, o Prof. CÉSAR DE ARAÚJO assumiu a Diretoria da Divisão de Tuberculose do Estado da Bahia e ao mesmo tempo, substituiu interinamente o Prof. Sabino Silva, Catedrático da 3ª Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Bahia, que falecera recentemente. Na Divisão de Tuberculose permaneceu até o ano seguinte.

O Ensino da Tisiologia

Em 28 de novembro de 1949, no Governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra e tendo como Ministro da Educação e Saúde, o baiano Clemente Mariani, foi criada obrigatoriamente a Cátedra de Tisiologia para todas as Faculdades de Medicina das Universidades Federais, atendendo ao que preceituava a Lei nº 426 de 7 de outubro de 1949. Inscreveu-se como candidato único o Prof. JOSÉ SILVEIRA e, na sua Banca Examinadora do Concurso para a Cadeira, figurava, dentre outros, os Prof. CÉSAR DE ARAÚJO e Fernando São Paulo. Aprovado com distinção, grau 10, só assumiu a Cátedra em 1950, quando, no Governo do Presidente Getúlio Vargas era o seu Ministro de Educação e Saúde, o também baiano Ernesto Simões Filho. Ainda naquele ano, tem início a construção da Clínica Tisiológica, cuja inauguração ocorreu em 16 de outubro de 1952 - dentro dos melhores padrões técnicos - em solenidade em que estiveram presentes o Ministro Simões Filho, os Dr. Arlindo de Assis (Diretor do Serviço Nacional de Saúde), Eduardo Araújo (Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia), além de outras autoridades, parlamentares, professores, alunos e convidados. Na oportunidade, o Prof. José Silveira discursa e diz que: “É preciso ver na solenidade atual, alguma coisa mais do que a inauguração de um simples hospital para tuberculose. Por sobre essa elevada finalidade, por si mesmo benemérita - tão agudo é e continuará a ser por muito tempo ainda, o grito angustioso dos que carecem de assistência - está a tarefa sublime e complexo da formação das equipes humanas sem as quais os grandes e majestosos hospitais navegarão em mares procelosos como naus desarvoradas e sem governo.” E, ao encerrar a cerimônia de inauguração, o Ministro Simões Filho diz que... “A Cátedra ligada ao Hospital, a Universidade como centro do saber e a serviço da Humanidade, a prática elaborada pela ciência - eis um triptico luminoso para engrandecer as tradições da inteligência e dos sentimentos cristãos da Bahia”⁽¹⁸⁾.

Durante o período de 1950 a 1952, em que a Clínica esteve em construção, “coube ao IBIT a honra singular de favorecer as condições para os dois primeiros anos do curso (de Tisiologia) que iria se realizar” após o que o ensino da especialidade se procedeu naquele estabelecimento de 100 leitos, abrigando alunos da Faculdade de Medicina da Bahia, e, depois de 1953, da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, agregada à Universidade Católica de Salvador, cuja

Cátedra também estava sob a regência do Prof^o. Silveira.

Com a aposentadoria do Prof^o. José Silveira, em 1974, fui convidado pelo Prof^o. Renato Lôbo, Catedrático da Clínica Médica da Escola de Medicina e Saúde Pública, para ministrar o Curso de Patologia e Clínica do Aparelho Respiratório, durante os anos de 1975 e 1976. Em 1977, através concurso de títulos, assumi a regência da disciplina de Pneumologia daquela Escola, permanecendo durante alguns anos, até a sua extinção, como consequência da reforma departamental ocorrida.

Em 12 de maio de 1955, em Sessão Solene presidida pelo Dr^o. Régis Pacheco, Governador do Estado da Bahia e contando com a presença de seu Secretário de Saúde, o Dr^o. Orlins Costa e proeminentes personalidades da nossa terra, é concluída 2ª etapa do prédio do IBIT, instituição considerada “patrimônio cultural da Bahia”... Em 6 de junho desse ano, o Dr. Celso Santiago Caldas Filho, Diretor do Serviço Nacional de Tuberculose escreveu para o jornal “A TARDE” um artigo, cujo excerto transcrevo: “O IBIT, como é conhecido vulgarmente, é uma instituição singular no Brasil. Não temos conhecimento de uma segunda. Tudo nele revela gosto e aprimoramento”. “Seu aspecto material é o que existe de mais agradável. Nada existe de triste...” ...”Oxalá pudessem os nossos homens, quer de cima, quer de administração, convencerem-se de que com um pouco mais de ajuda material e de pessoal a um estabelecimento como o IBIT, prescindiríamos certamente de todos os demais centros de estudo sobre a tuberculose no país, inclusive as projetadas e iniciadas construções denominadas com o pomposo nome de Institutos de Pneumologia, destinados sem dúvida, ao mais espetacular fracasso por falta de absoluta não só de pessoal especializado como e principalmente de orientação científica. Melhorar pois em profundidade aquilo que já existe de bom e prático como o é, o Instituto Brasileiro para a Investigação da Tuberculose em substituição à extensa rede programada e consubstanciada na construção de custosíssimos Institutos de Pneumologia, sem quaisquer condições de garantias de funcionamento, deveria constituir a preocupação de todos quantos possuam qualquer parcela de responsabilidade na administração pública” (os grifos são nosso).

O comentário do Prof^o. José Silveira a respeito da nota foi a que se segue: “Porque não se aceitou essa sugestão do Diretor do Serviço Nacional de Tuberculose, guiada pelo bom senso e pelo desejo de alcançar a curto prazo. um grande rendimento?”

Que presságio!... Retumbante fracasso foi, sobretudo o do articulista. Os fatos que se seguiram mostram o grande equívoco cometido.

Em 1965, o Prof^o. José Silveira aposentou-se da Universidade Federal da Bahia, porém manteve na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública até 1975. Na Faculdade de Medicina da Bahia foi substituído interinamente pelo Prof^o. Manoel Ezequiel Costa até 1970, quando foram extintas as Cátedras.

Em 1971, o “IBIT sem mudar sequer a sua sigla identificadora, apenas com as finalidades ampliadas, os seus

departamentos adaptados às exigências modernas, da evolução nosográfica e com o propósito de associar os cuidados dos enfermos de tuberculose aos de outras doenças do tórax”, transforma-se em Instituto Brasileiro para a Investigação do Tórax. “Com isso, estará o IBIT, cada vez mais, próximo ao ideal superior que há, tantos anos, inspirou a sua criação. Não o de ser uma instituição preocupada apenas e irreversivelmente com o diagnóstico e o tratamento rotineiros de uma só doença, por mais séria, complexa e grave que seja ou tenha sido, como é o caso da Tuberculose. Eis porque o IBIT sente que tem de buscar outros campos de trabalho... Sobretudo porque envolvido o mundo por uma atmosfera cada vez mais infecta e poluída, a principal agressão se haveria de fazer sobre a permanentemente exposta superfície da área respiratória”... Em virtude disso, “aumenta o número das vítimas da asma, das bronquites crônicas, do enfisema, das infecções pulmonares de toda a espécie... do câncer de pulmão”⁽¹⁸⁾.

Em 12 de outubro deste mesmo ano, é inaugurado o Hospital do Tórax, com a presença do Governador Luiz Viana Filho e, contando com o decisivo apoio de setores governamentais, inicia as suas atividades abrangendo as Doenças do Tórax e a Cardiologia, tanto na parte clínica como cirúrgica.

Dáí em diante, ampliaram-se os horizontes da Pneumologia fora do âmbito universitário.

O Afastamento

Ao completar 65 anos, em abril de 1963, o Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO pleiteou a sua permanência na Cátedra da 3ª Clínica Médica, juntamente com o Prof^o. Raphael Menezes, na Cátedra de Anatomia Humana, uma vez que, naquela ocasião, havia um dispositivo no Regulamento das Universidades Federais, que obrigava o Professor a se aposentar com aquela idade, a não ser que, em reunião da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, os seus Membros decidissem pela permanência por mais 5 anos. O Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO conseguiu o seu objetivo, por apenas 1 (hum) voto a mais do mínimo exigido! Confidenciou-me na ocasião a sua grande decepção e mágoa com o que ocorrera, pois, por pouco, não foi afastado definitivamente da sua Cátedra. Contou-me, também, e novamente o que tinha ocorrido no tempo do Santa Terezinha, quando “falso amigo o apunhalou de surpresa, e pelas costas”, e que, de certa feita ao saber que alguém teria feito “comentários desairosos” a sua pessoa, pensou demoradamente e disse: “não me lembro de ter feito nenhum bem a ele!”.

Aliás, por várias vezes fui o seu confidente e, por outro lado, ele foi sempre o meu conselheiro, sobretudo em momentos difíceis.

Em meados de 1967, pouco tempo antes do seu afastamento, o Prof^o. CESAR DE ARAÚJO participou de uma Sessão Anátomo-Clínica, quando lhe foi dado um caso clínico, muito complexo, para discussão e, conseqüente, diagnóstico. Tratava-se de uma paciente com grave insuficiência respiratória, decorrente de doença intersticial pulmonar difusa,

cuja etiologia comportava extenso diagnóstico diferencial. Após análise minuciosa da gama de doenças que conduzia àquela situação, o Prof^o. César chegou à conclusão de se tratar de Fibrose Intersticial Pulmonar Difusa Idiopática (Doença de Hamman-Rich), o que foi confirmado pelos dados histopatológicos de necropsopia, exibidos pelo patologista. A discussão foi primorosa. O Corpo Clínico do Hospital Prof^o. Edgard Santos, presente no seu Anfiteatro, levantou-se para aplaudí-lo. Foi a sua última aula!

Em dezembro de 1967, pouco meses antes de completar 70 anos, limite máximo para a aposentadoria compulsória, afastou-se das suas atividades na Universidade, àquela altura com problemas sérios de saúde. Houve recidiva de antiga doença pulmonar, aliado ao enfisema que lhe limitava a deambulação, além do diabetes, que necessitava doses elevadas de Insulina, e da hipertensão arterial, cujo controle lhe era proporcionado pelos alcalóides da *Rauwolfia Serpentina*, esta última droga bem tolerada. Com a medicação que era obrigado a usar, e eram muitas, desenvolvia extensas lesões eczematosas pelas mãos, face, pescoço e pelo corpo, e o Dr^o. Alfredo Bahia Monteiro era constantemente solicitado para vê-lo. Várias vezes dizia que “vivia de teimoso” e, apesar das dificuldades respiratórias, não deixava o indefectível cigarro, que afirmava ter sido “filado de amigos”, com isso querendo deixar transparecer que fumava eventualmente. - Tentava nos enganar...

Em 21 de dezembro de 1967, fui incumbido de representar o Corpo Clínico da Enfermaria da 3^a Clínica Médica, ocasião em que, inaugurado um quadro com a sua fotografia, no seu Gabinete, pronunciei o seguinte discurso:

“É com a mais profunda das emoções que, neste momento, desempenho a honrosa missão de traduzir o pensamento do corpo clínico, dos estudantes, enfim, dos funcionários da nossa querida 3^a Cadeira de Clínica Médica, nesta homenagem que, antes de tudo, se converte num ato de saudade, única palavra capaz de sintetizar este complexo indescritível de emoções, que nos envolveu, desde quando, inexoravelmente, nos foi negada tão cara convivência nesta enfermaria”.

“Nestes dias sombrios da nossa vida, onde a cada momento o gosto amargo da realidade se torna mais amargo, vivemos como se profundo pesadelo tivesse interrompido os nossos sonhos ...”.

“Quantas e quantas vezes temos buscado inutilmente divisar naquela cadeira que ficou vazia, o Mestre, o caríssimo amigo, o conselheiro das horas difíceis ...”.

Vós, hoje, voltastes; aqui estais; o mandamos buscar para testemunhardes o nosso fraternal afeto, a carinhosa gratidão, o nosso mais profundo reconhecimento. Como poderemos traduzí-lo exatamente como os sentimos, neste soleníssimo momento?”

“Relembrando os vossos gigantes feitos em prol da Medicina Nacional? Cantando a poesia incandescente da vossa alma? Citando a grandeza do vosso espírito, emoldurada pelas belezas da filosofia que concebestes?”

Não, iríamos vos contrariar, por certo. A vossa vida foi um atestado soberbo de excelsa humildade. Vós, mais do que cientista, filósofo, tribuno, fostes um humilde. Pelo menos nesta hora, respeitamos os vossos sentimentos tantas e tantas vezes subestimados e incompreendidos”.

“- Sabemos, entretanto o quanto fomos e temos sido egoístas ...”.

“- É necessário, profundamente necessária, esta vossa partida ...”.

“Este fim de luta ditará, por certo, novas jornadas; a inquietude do vosso espírito em semear o bem, continua sendo a mesma, queimando viva, alimentada poderosamente pela mesma seiva que acalentou os vossos sonhos de adolescente. Não vos importam os sofrimentos físicos. Continuais a ser o mesmo Mestre César, com todo o entusiasmo e espírito de luta, e assim continuareis sendo.”

“Em novas searas, estará com o peso da vossa autoridade, marcada pela impressionante capacidade de liderança, a desfraldar a bandeira do sempre. As reverberações do vosso talento, maravilhados, tantas vezes os assistimos. Milagres da ciência, milagres do humanismo, milagres da vossa inesgotável bondade”.

“Os vossos amigos mandaram apor este retrato, neste santuário, na tentativa vã de perenizar a vossa presença. Em verdade, ele não seria preciso. As gerações transmitirão às gerações, num eco incessante e infindo, que o Mestre CÉSAR DE ARAÚJO está atuante em sua Cátedra, como sempre, a reivindicar os diretos da verdade, a glorificar a ciência médica, a perpetuar o humanismo nos corações jovens, que aqui haverão de passar. E este sublime instante, que, no início era saudade, converte-se no hino de esperança que o cantaremos para vós, com a voz embargada pela emoção.”

“Parti, Mestre CÉSAR, impregnado da maviosa melodia da nossa alma, auto de glorificação do nosso imorredouro reconhecimento. Voai e semeai a vossa grandeza noutras plagas, porque, por Deus vos prometemos, vós estarei conosco”.

Mesmo ausente da enfermaria, eu visitava o Prof^o. CÉSAR semanalmente e, inúmeras vezes, era recomendado por ele para ver seus pacientes em residência.

Os nossos laços de amizade jamais desapareceram.

Em 1968, o Prof^o. Renato Marques Lôbo, discípulo do Prof. Sabino Silva, assumiu a regência da 3^a. Cadeira de Clínica Médica e, com sua aquiescência e apoio, mantivemos o grupo unido em torno do legado do Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO: a chama acesa do seu ideal que nunca se apagou.

Com a implementação da Reforma Universitária em 1970, foi extinta a Cátedra, dando lugar a estrutura Departamental e por isso o Prof. Renato Lôbo, desiludido, aposentou-se. Houve profundas modificações no ensino médico. Surgiram os Departamentos especializados. Em 1971, foi criado o Departamento de Cardio-Angio-Pneumologia, dentre outros,

que congregava clínicos e cirurgiões das 3 especialidades. Criada a Disciplina de Pneumologia, fui designado, pelo Prof. Gerson Pinto, chefe do nável Departamento, para coordená-la. Compunham o corpo docente da Disciplina, os Drs. Sócrates Guanaes Gomes - que havia retornado recentemente da Grã-Bretanha, onde fez Curso de Especialização em Pneumologia; Pedro Mello da Silva; Antônio Carlos Peçanha Martins; Álvaro Rabello Júnior; Carlos Alberto Paes Alves; Carlos Henrique Moreira; e o grupo da extinta Clínica Tisiológica: os Drs. Manoel Ezequiel da Costa, Álvaro Pinheiro Lemos, Ulpiano Cavalcanti, Stella Medeiros e José Maria de Andrade. As atividades da Disciplina constavam de Aulas Teóricas e Práticas, Sessões Clínicas do Departamento, Sessões de Radiologia Torácica, além do Ambulatório de Pneumologia.

Em 1974, são extintos os departamentos clínico-cirúrgicos e criado o Departamento de Medicina, compreendendo as sub-especialidades da Clínica Médica. Assume a chefia o Prof. Heonir Rocha e, novamente, sou designado pelo seu Chefe, Coordenador da Disciplina de Pneumologia, que fazia parte do elenco de Disciplinas Optativas do Currículo Médico. Como integrantes do corpo docente estavam os Drs. Sócrates Guanaes Gomes, Pedro Mello da Silva, Antônio Carlos Peçanha Martins, Ulpiano Cavalcante, José Maria de Andrade, Álvaro Pinheiro Lemos e Stella Medeiros. O Dr. Manoel Ezequiel da Costa já havia se aposentado.

As atividades eram constituídas de: Sessões Clínicas; Ambulatório; Sessões Anátomo-Clínicas com a participação do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital Prof. Edgard Santos, representado pelos Drs. Mário Caymi Gomes e Marco Antônio Cardoso de Almeida; Sessões de Radiologia do Tórax; Atendimento de Consulta e Visitas aos pacientes pneumológicos internados nas diversas enfermarias de Clínica Médica e Aulas Teóricas nas Disciplinas do Currículo Mínimo (Propedêutica Médica, Clínica Médica I, II e III) e na Disciplina Optativa para alunos do 4º ano médico.

Em 1974, sob a minha coordenação, foi ministrado um Curso de Pneumologia Infantil no período de março a junho.

Estabelecemos também contatos com os Professores Mário Rigatto, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mateus Romeiro Neto e João Barbas Valente Filho, do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo; Octávio Ratto, Manoel Lopes dos Santos, do Hospital São Paulo e da Escola Paulista de Medicina; Sylvio Rios em Campos do Jordão (SP), com o objetivo de manter um intercâmbio com as referidas instituições. Vários internos do 6º ano médico foram encaminhados para o Sul do País a fim de cumprir Internato Opcional na área de Pneumologia.

Durante vários anos, mantivemos estreito relacionamento com tais centros de Pneumologia, não só encaminhando Internos e Residentes para estágio, bem como promovendo Cursos e Conferências. Contamos com o concurso de vários professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde a Pneumologia, juntamente com o Grupo de São Paulo (Escola Paulista de Medicina e da Faculdade de Medicina Universidade de São Paulo) despontava, como ainda hoje

desponta, no cenário nacional. Os Professores Mário Rigatto, Nelson Porto, Bruno Palombini, José Camargo, sobretudo os dois primeiros, aqui estiveram com frequência, transmitindo os seus conhecimentos para todos nós.

O Grande Marco

Em setembro de 1974, realizou-se a Jornada Internacional de Pneumologia, em Campos de Jordão, São Paulo e, no dia 14 de setembro, com a minha presença e de vários colegas participantes do evento, foi fundada a Sociedade Brasileira de Pneumologia, tendo ali se decidido que o I Congresso Brasileiro seria no ano seguinte, tendo como sede a cidade de Brasília - Distrito Federal, sob a presidência do Dr. Paulo Tavares.

Em 1975, o Dr. Roberto Simon Filho, Diretor do Hospital Getúlio Vargas, da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB) criou o Ambulatório de Pneumologia e designou-me chefe desta unidade, tendo atribuição de supervisão de Internos e Residentes daquele nosocômio, tendo permanecido nessa função até outubro do ano seguinte, quando fui posto à disposição do Hospital Octávio Mangabeira da SESAB.

Em abril de 1975, fundamos a Seção Regional da Sociedade Brasileira de Pneumologia em Salvador, sendo eleito para dirigir os seus destinos, pelo período de 2 anos.

Em junho de 1975, tem lugar o Curso de Extensão Universitária do Departamento de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia - UFBA intitulado "Atualidades em Pneumologia", sob a minha coordenação e a participação dos Professores Octávio Ratto (Escola Paulista de Medicina), Jesse Teixeira (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Newton Bethlem e Germano Gerhardt (Universidade Federal do Rio de Janeiro), além de todos os integrantes da Disciplina de Pneumologia da FAMEB-UFBA, e os Professores José Silveira e Álvaro Rabello Jr.

Na 1ª quinzena de outubro deste mesmo ano foi ministrado um Curso Intensivo de Pneumologia, sob o patrocínio da recém criada Seção Regional da Sociedade Brasileira de Pneumologia.

Em outubro de 1975, o I Congresso Brasileiro de Pneumologia e Tisiologia e II Jornada Internacional de Pneumologia têm lugar na Capital Federal, ocasião em que fui escolhido Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Pneumologia e a Bahia, escolhida para sediar o próximo Congresso, em 1976, sob a minha Presidência.

Em setembro de 1976, o Prof. Alfred Fishman, Chefe do Departamento Cardiovascular e Pulmonar da Universidade de Pennsylvania EUA e o Prof. Mário Rigatto, sob o patrocínio da Disciplina de Pneumologia da FAMEB-UFBA e da Sociedade de Pneumologia da Bahia, vieram proferir aulas e conferências sobre Fisiopatologia Respiratória, no Hospital Universitário Prof. Edgard Santos (UFBA).

Em outubro de 1976, o II Congresso Brasileiro de Pneumologia e Tisiologia e a III Jornada Internacional de Pneumologia ocorreram em Salvador com a participação de 1.200 congressistas de todos os pontos do País e da América do Sul.

Na Sessão de Abertura do Congresso com a presença de autoridades, pronunciei a seguinte saudação:

“Senhores Congressistas:

Ao aceitar a honrosa missão, uma das mais caras da minha vida profissional e de professor universitário, a de presidir este Congresso, movido pelo entusiasmo e espírito de luta pelo bem servir, não medi esforços para que a Pneumologia estivesse aqui, no dia de hoje, representada pelas suas expressões mais autênticas e significativas. Por isso, ao lado das figuras de escol da Pneumologia Nacional, outros pesquisadores de renome internacional: dos Estados Unidos, Inglaterra, Suíça, Canadá, França e Alemanha.

A honra das suas presenças faz coroar os nossos esforços nos proporcionando a felicidade pelo dever cumprido, como se estivesse a longos haustos, respirando o “ar luminoso e macio”, como tão belo e lindo o define o verso do grego Eurípedes.

Quando cumprimos com enorme sacrifício a extensa agenda de, pessoalmente, convocar por este imenso Brasil a presença de Vossas Senhorias, colhi uma impressão solidificada na certeza da necessidade imperiosa e inadiável de um maior entrosamento e comunicabilidade entre todos quantos fazem Ciência nesse País.

Faço neste momento, portanto, veemente apelo para que a Ciência Médica, predominantemente enclausurada em núcleos estanques e isolados, muitas vezes cercados aos limites geográficos dos Estados seja ajustada rapidamente ao dinamismo cada vez maior das permutas científicas em centros de infusão e informática, tão numerosos onde quer que existam efervescência e ebulição de idéias, único caminho para que a voz brasileira seja ouvida e presente no contexto da universalidade científica.

Sentimos a complexidade da realização do exposto, dada as nossas dimensões continentais e desigualdades regionais. Entretanto cremos firmemente na nossa capacidade criadora e realizadora...

Não poderia haver momento tão ideal e promissor...

Ao lado, portanto, do profícuo trabalho que por certo este Congresso haverá de promover em prol da Pneumologia, temos certeza que os alicerces de um racional e objetivo entrosamento científico começarão a ser construídos, o que haverá de orgulhar-se esta Bahia de todos os brasileiros.

Neste Congresso, estamos lançando também com grande satisfação, o 1º Concurso para o Título de Especialista em Pneumologia e, neste sentido, cumpre-me ainda trazer uma comunicação importante: o Título de Especialista que será concedido neste Congresso conta com o aval da Associação Médica Brasileira, segundo entendimentos que a AMB e a Sociedade Brasileira de Pneumologia acabam de concluir.

Permita-nos dedicar a realização deste Congresso à

memória do saudoso Mestre CÉSAR DE ARAÚJO.

Que ele expresse o reconhecimento ao incansável batalhador, o Prof. José Silveira, cujas lutas em prol da Tisiologia são por demais conhecidas por todos nós brasileiros.

Finalmente, na emoção das derradeiras palavras, os nossos mais sinceros agradecimentos ao Prof. ROBERTO FIGUEIRA SANTOS, hoje aqui ao nosso lado, muito mais cientista do que nosso Governador”.

Este Congresso foi o grande marco na História da Pneumologia da Bahia e do Brasil. Contamos com a presença de eminentes professores, nacionais e internacionais, que durante 6 dias, ministraram Cursos, Aulas, Conferências, participaram de Mesas-Redondas, Colóquios e Sessão de Correlação Clínico-Radiológico-Patológica, etc. Destacamos os Professores Nelson Porto, Bruno Palombini, José Camargo, Werner Paul Ott, Marlow Kwitko (Rio Grande do Sul); Octávio Ribeiro Ratto, Manoel Lopes dos Santos, Francisco Suso Vargas, João Barbas Valente (São Paulo); Germano Gerhardt, Teotônio Miranda Ribeiro, Afrânio Garcia, Antônio Ribeiro Neto, Gerson Pomp (Rio de Janeiro); Paulo Tavares, Laércio Valença (Brasília); Antônio Pedro Mirra e David Erlich (Instituto de Câncer de São Paulo) e os Professores Eugene Robin, indicado para o Prêmio Nobel de Medicina (Stanford University, Califórnia, USA) John e Tessa Hedley-White (Harvard University, Massachusetts, USA); Robert Fraser (Universidade Quebec Montreal, Canadá); Paul Sadoul (Faculdade de Nancy, França); Ewald Weibel (Instituto de Anatomia da Universidade de Berna, Suíça); Lynne Reid (Brompton Hospital - London University, Inglaterra); W. T. Ulmer (Bochum University, Alemanha); Leon Schwarzenberg (Instituto de Cancerologia e Imunogenética de Paris, França); Wladimir Pereira (Harvard University, USA).

A Educação Continuada

As atividades científicas da Sociedade de Pneumologia da Bahia, sob a minha direção, se sucederam intensamente atingindo seu período áureo.

Começou a grande arrancada para o desenvolvimento da Especialidade. Em novembro de 1976, o Prof. Jack Pepys do Brompton Hospital da Universidade de Londres, Inglaterra, veio à Bahia, a nosso convite, proferir Conferências sobre Doenças Alérgicas. No início de fevereiro a março de 1977, o Prof. Sir John Crofton, da Universidade de Edimburgo, Escócia, autor do livro “Doenças Respiratórias”, e a sua esposa Doutora Eileen Crofton, ministram Cursos sobre “Atualização de Temas de Pneumologia” abordando importantes assuntos, tais como: Quimioterapia e Prevenção da Tuberculose; Recentes Progressos em Asma; Bronquite Crônica e Câncer de Pulmão (Etiologia e Prevenção); Epidemiologia da Bronquite Crônica e do Câncer do Pulmão; Cigarro e Saúde; Sarcoidose; Eosinofilia Pulmonar.

Em março de 1977, o Prof. E. J. Moran Campbell, Chefe do Departamento Cardiopulmonar da Universidade Mc Master, em Hamilton, Ontário, Canadá, quem introduziu o

conceito de Insuficiência Respiratória, veio a convite da Sociedade Brasileira de Pneumologia (Secção Bahia) e da Disciplina de Pneumologia (FAMEB-UFBA), proferir conferências, justamente sobre Insuficiência Respiratória, Equilíbrio Ácido-Básico e Síndrome de Hipoventilação Alveolar.

Em 1977, o Prof^o. Reuben Cherniak, da Universidade de Winnipeg, Manitoba - Canadá, autor do livro “Respiração” veio a Salvador pronunciar conferências sobre Fisiopatologia Respiratória.

Em 1978, o Prof^o. Peter Safar, da Universidade de Pittsburgh, Pennsylvania, Estados Unidos, autor do livro “Ressuscitação Cardio-Respiratório-Cerebral”, ministrou aulas sobre “Avanços na Ressuscitação Cárdio-Pulmonar”.

Ainda em 1978, o Prof^o. Jean Paul Le Bourgeois, do Grupo Hospitalar Gustave Roussy, de Paris - França, também veio à Bahia, ministrar aulas sobre Patologia Respiratória.

Em 1978, o Prof^o. Sir Richard Doll, da Universidade de Oxford, Inglaterra, autor de inúmeras pesquisas e trabalhos sobre Tabagismo, aqui em Salvador, em conjunção com a Sociedade de Pneumologia da Bahia sob minha Presidência, lança Campanha de Combate ao Tabagismo e profere conferências a respeito das suas pesquisas.

Em 1980, o Prof^o. Andrew Douglas, co-autor do livro “Doenças Respiratórias” da Universidade de Edinburgo, da Escócia passou todo o mês de fevereiro ministrando curso sobre Doenças do Aparelho Respiratório; e o Prof. Carlo Grassi, da Universidade de Pavia, Itália, participa em uma Mesa-redonda sobre Asma Brônquica.

Em 1984, o Prof^o. Charles Fletcher, Professor Emérito de Epidemiologia Clínica do Royal Postgraduate Medical School, Hammersmith Hospital de Londres, Inglaterra proferiu conferência sobre: História Natural da Obstrução Brônquica Crônica.

Em 1980, o Prof^o. Ruy W. Lorenço da Universidade de Chicago, Illinois, USA, veio a Bahia proferir conferências sobre Patologia Respiratória.

O Desenvolvimento da Especialidade

Em 1977, iniciamos as atividades didáticas no Hospital Octávio Mangabeira onde ministramos aulas práticas para os alunos de Pneumologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, contando com a colaboração dos Drs. Mário César de Almeida e Enéas Carvalho Filho, este o Diretor do Hospital. Ademais, havia reuniões semanais com o corpo clínico do Hospital Octávio Mangabeira, Internos e Residentes de Pneumologia do Hospital Prof. Edgard Santos oportunidade em que eram discutidos os casos clínicos dos doentes internados, atividade que persiste até os dias atuais sob a orientação dos atuais preceptores do referido Hospital.

Devido ao interesse cada vez mais crescente em relação à Pneumologia, a nossa Secção Regional da Sociedade Brasileira em abril de 1977 é transformada em Sociedade de Pneumologia da Bahia autônoma, contando em seus quadros com um grande número de sócios (pneumologistas, pediatras, anestesistas e

internistas). Eleito que fui, exerci as funções de Presidente durante 4 anos, mantendo sempre contínua atuação científica. Durante a nossa gestão, que no início foi acumulada com a Presidência da Sociedade Brasileira de Pneumologia, sediada em São Paulo, promovemos conferências, cursos, inclusive o II Curso Anual de Pneumologia e Tisiologia, em Garanhuns, Pernambuco, cuja coordenação esteve a cargo também dos Drs. Ângelo Rizzo, Geraldo Antunes (Pernambuco), Amaury Brasil (Piauí) e Cristóvam Pinto Martins (Pará).

Em junho de 1977, firmou-se convênio entre a Associação Médica Brasileira e a recém-criada Confederação Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, surgida da integração da Federação Brasileira das Sociedades de Tisiologia e Doenças Respiratórias e da Sociedade Brasileira de Pneumologia. A Confederação passou a orientar o Departamento de Pneumologia e Tisiologia da AMB e teve também como finalidade “representar” junto à AMB os interesses comuns às duas entidades que a compõem, no que respeita a celebração do convênio para a concessão do Título de especialista em Pneumologia e Tisiologia. O Convênio foi assinado pelos Drs. Pedro Kassab e Radion Schueler Barbosa, Presidente e Secretário da AMB, respectivamente e os Drs. Germano Gerhardt e Almério Machado pela Confederação Brasileira de Pneumologia e Tisiologia. A Bahia, por mim representada, juntamente com os Drs. Newton Bethlem (Rio de Janeiro), Manoel Lopes dos Santos (São Paulo) e Rogério Xavier (Rio Grande do Sul), participaram da Banca Examinadora do Concurso, de âmbito nacional, para concessão do Título de Especialista em Pneumologia e Tisiologia.

Em julho de 1977, a Bahia foi representada por mim no III Congresso Europeu de Doenças do Tórax, promovido pela Academia Internacional de Medicina e Cirurgia do Tórax, em Roma, Itália, tendo presidido as Mesas Redondas sobre: Pneumopatias Profissionais e Embolização da Circulação Sistêmica no Tratamento de Hemoptises Severas e Repetidas.

Em setembro de 1977, no III Congresso Brasileiro de Pneumologia e Tisiologia e na 4ª Jornada Internacional de Pneumologia, realizados no Hotel Nacional no Rio de Janeiro, na Sessão Solene de Abertura pronunciei discurso, prestando conta das minhas atividades à frente da Presidência da Sociedade Brasileira de Pneumologia:

“Ao presidirmos o último Congresso de Pneumologia e Tisiologia realizado em Salvador, em outubro do ano passado, naquele honroso e inesquecível evento, em a nossa saudação aos Senhores Congressistas, mais do que uma idéia, mais do que um simples alerta, fiel ao espírito da ciência e alicerçado nesta firme convicção, apelamos para a anulação das barreiras geográficas dos nossos Brasis e, mais do que isto, conclamamos pelo constante intercâmbio dos círculos ou Escolas dos que neles fazem a Pneumologia e, inclusive, propusemos um sistema de informática das experiências e pesquisas em curso, acessível a todos os especialistas interessados”.

“Novamente aqui, externamos o mesmo pensamento, porque acreditamos que este enriquecimento de conhecimentos não apenas objetiva o aprimoramento na Especialidade, mas, sobretudo, fortalece o fôro da Sociedade de Pneumologia, como Entidade concreta e não um aglomerado ao acaso, de homens e de instituições, que se dedica às Doenças Respiratórias ...”.

“Fiel aos nossos ideais, comparecemos e participamos ativamente de conferências e conclave, aqui e no exterior, e em vitorioso esforço, apresentamos a Bahia com a presença de uma plêiade de eminentes professores nacionais e internacionais, tais como: MÁRIO RIGATTO, OCTÁVIO RATO, JESSE TEIXEIRA, NEWTON BETHLEM, GERMANO GERHARDT FILHO, ALFRED FISHMAN, JACK PEPYS, EILEEN e JOHN CROFTON, MORAN CAMPBELL, JEAN PAUL LE BOURGEOIS, nomes entre os maiores a dignificarem a nossa Especialidade. Assim acreditamos ter dado continuidade à luta, há 3 anos, iniciada em Campos de Jordão, naquele memorável setembro!”

“Em verdade, este trabalho transcendeu, pois a um simples oferecimento ou aquisição de conhecimentos; constituiu para nós, pelo menos, tentativa válida de superação deste estágio das contribuições individualistas ou de grupos herméticos ao progresso científico...”

“Se admitirmos o conceito de saúde de H. Spencer e Wylie como “a perfeita e contínua adaptação do organismo ao seu ambiente”, forçosamente teremos que aceitar que nada mais representamos senão Ecossistemas dependentes conseqüentemente da Biosfera Terrestre. Somente através de uma conduta coletiva de acúmulo e intercâmbio de conhecimentos a ditar o avanço da Ciência e da Tecnologia, poderá o Homem, face à Terra, enfrentar os dilemas, da nossa própria sobrevivência que o futuro, não muito distante, está a pressagiar de cinzento os horizontes da própria humanidade...”

“O pensador e médico francês, JEAN GUITON, em uma célebre conferência pronunciada, há muito tempo, interpelou a platéia em tom patético, face aos progressos da Ciência: “Se por um sortilégio do destino, fizéssemos adormecer um médico em 1930 e somente permitíssemos acordá-lo em 1960, como ele iria encontrar a Medicina?”

“Em raciocínio análogo senhores, como iremos encontrar a Pneumologia em 1990, ante a mutilação anárquica e desordenada, ambiciosa e talvez genocida do meio em que vivemos?”

“Estaremos plena e amplamente capazes de vencer os gases, vapores, fumos em sua marcha insidiosa e progressiva a destruir e mutilar alvéolos? ao determinismo inexorável das doenças degenerativas?”

Finalmente, desbravaremos os ainda incognoscíveis labirintos dos processos imunológicos?”

“A Pneumologia - que nestes últimos anos tem assumido uma importância transcendental diante do aumento crescente das doenças respiratórias, sobretudo as decorrentes da poluição ambiental, da poluição profissional, que estão a desafiar meios não curativos, mas profiláticos - deve se preocupar precipuamente com os métodos não somente com o objetivo de erradicar e curar as doenças, mas sim para evitar o elevado tributo que está se pagando à explosão industrial. E, como muito apropriadamente se referiu o Secretário da nossa Sociedade, Dr. Herval Pina Ribeiro, em Editorial no Jornal de Pneumologia, “em vez de se dispendir somas fabulosas em programas tecnológicos, altamente sofisticados, não seria mais sensato propiciar condições favoráveis à melhoria sócio-econômica da população?”

“Não seria mais justo alertar aos órgãos responsáveis pela saúde do povo sobre o grande perigo da poluição que paira e está dizimando milhares de vidas? Não se está com isto preconizando deter-se o progresso industrial, absolutamente. O que se quer sim é a adoção de múltiplas medidas esclarecedoras e acauteladoras a fim de preservar a saúde de um povo.” E esta também é a nossa responsabilidade.”

“Como soldados da ciência pelo que temos feito, pelo que haveremos de realizar, das gerações do amanhã, certamente receberemos o justo prêmio”. Que ele seja o monumento ao marco da ciência humana, finalmente libertada dos limites que a cerceiam no presente...”

“Assim, Senhores Congressistas, quero lhes afirmar neste momento dos mais solenes, que este foi o contexto filosófico que procuramos imprimir durante o período em que regemos os destinos da nossa nóvel, porém pujante e vitoriosa Sociedade Brasileira de Pneumologia. E estou certo de que todos os esforços serão envidados para que a nossa Sociedade, pioneira no campo da Pneumologia neste País, continue na sua trajetória brilhante”.

Na ocasião, foi transmitida a Presidência da Sociedade Brasileira de Pneumologia ao Dr. Germano Gerhardt Filho, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Diretor do Serviço Nacional de Tuberculose do Ministério da Saúde.

Disciplina de Pneumologia (FAMEB-UFBA)

Em janeiro de 1978, ao assumir a Chefia do Departamento de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia (UFA), eleito que eu fôra para cumprir mandato de 2 anos, após o que fui reeleito por mais 2 anos, a coordenação da disciplina de Pneumologia ficou sob a orientação do Dr. Pedro Mello da Silva, durante 4 anos.

Em 1978, teve início a Residência Médica em Pneumologia, no Curso de Especialização na Área Médica sob Forma de

Residência (CEAMFOR), do Hospital Professor Edgard Santos, da Universidade Federal da Bahia.

Em julho deste mesmo ano, a Bahia foi novamente representada por mim no XIII Congresso Mundial de Doenças do Tórax em Kyoto, Japão, promovido pela American College of Chest Physicians, onde foi apresentado o trabalho “Isoniazida e Hepatite”, em colaboração com o Dr. Mário César de Almeida, jovem pneumologista. Nesta ocasião também apresentei trabalho no painel sobre “Tuberculose”, juntamente com especialistas de todo o mundo.

Em janeiro de 1979, realiza-se a primeira reunião da Campanha Nacional Contra o Fumo, em São Paulo, sob a coordenação do Dr. Antônio Pedro Mirra, Diretor do Departamento de Cirurgia Torácica do Instituto de Câncer de São Paulo (Hospital A.C. Camargo da Fundação Antônio Prudente) e Coordenador do Registro de Câncer de São Paulo (Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo), tendo como participantes o Dr. Antônio Carlos Campos Junqueira, Diretor da Escola de Cancerologia Celestino Bourrol e Observador da União Internacional Contra o Câncer; Dr.º Mário Rigatto, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Dr. Roberto Bibas, Chefe do Serviço de Cirurgia de Tórax do Instituto Nacional de Câncer, no Rio de Janeiro; Profa. Ruth Marcondes, Chefe da Disciplina Educação em Saúde Pública, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; Dr. José Rosemberg, Professor de Tisiologia e Doenças Pulmonares da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Dr. Mozart Tavares Lima, Chefe do Serviço de Pneumologia do Instituto do Servidor do Estado de São Paulo e do Instituto Clemente Ferreira e com a minha presença, como representante da Sociedade Brasileira de Cancerologia e da Sociedade de Pneumologia da Bahia. E por ser o Ano Internacional da Criança foi então desencadeada campanha, tendo como população alvo: a criança.

Em abril de 1979, eu e o Dr. Antônio Pedro Mirra, fomos recebidos pelo Prof. Mário Augusto Castro Lima, Ministro do Estado para Assuntos da Saúde do Brasil, obtendo todo o apoio do Ministério para a Campanha que já tinha também o respaldo da Organização Mundial de Saúde e da União Internacional Contra o Câncer. Naquela oportunidade estivemos também com o Senador Jarbas Passarinho, Líder do Governo, que hipotecou solidariedade à nossa luta contra o Tabagismo.

Em junho de 1979 compareci à 4ª Conferência Mundial sobre Tabagismo e Saúde, em Estocolmo Suécia, como representante do Ministério da Saúde.

Em 1981, o Dr. Mário César de Almeida assumiu a Presidência da Sociedade de Pneumologia da Bahia, porém não conseguiu completar o período para o qual fora eleito, por ter falecido, no ano seguinte, em consequência de doença incurável. Completou o seu mandato o Dr. José Maria de Andrade. Daí em diante os Presidentes da Sociedade foram: Drs. Antônio Carlos Peçanha Martins, Antônio Carlos Lemos,

Jamocyr Marinho, Augusto Farias, Antonio José Dória e atualmente Dr. Guilhardo Ribeiro.

Em 1982 após o término do meu mandato na Chefia do Departamento de Medicina, assumiu o Prof. Ruy Machado da Silva que me designou novamente Coordenador da Disciplina de Pneumologia durante 2 anos, tendo sido sucedido pelos Drs. Antônio Carlos Lemos, Antônio Carlos Peçanha Martins, Álvaro Cruz Filho e, até o presente momento Dr. Antonio Carlos Lemos.

Homenagem ao Mestre César

Ao encerrar este meu depoimento, gostaria, mais uma vez, de expressar a minha profunda admiração a esta excelsa figura do professor que “influenciou, mais profundamente um grande número de médicos”. Como bem acentuou o Prof.º Luiz Fernando Macedo Costa, o “Prof.º CÉSAR DE ARAÚJO, direta ou indiretamente, sua atenção se exerceu sobre a formação cultural, profissional e moral de quase todos os colegas, no exercício de seu magistério, prolongado por mais de 20 anos. O Mestre CÉSAR convencia pela persuasão, envolvia pela bondade, conquistava pela dialética e conduzia pelo exemplo”. “A voz compassiva e mansa derramava, entretanto termos de consolação e o bálsamo da esperança quando era preciso apagar os “desenganos”. “Adquiriu a fama de possuir a maior cultura médica da Bahia, porém, naquele tempo de notáveis humanistas, o Dr. CÉSAR distinguiu - se também pela vasta cultura geral, reconhecida, aliás, e proclamada por todos...Era uma inteligência fecunda e poderosa. Um saber que a todos admirava. Dominava as grandes amplitudes da Clínica Médica, da estirpe dos Fraga e dos Couto. Familiarizado com as belas letras, era assídua a frequência a Machado de Assis e Anatole France. Daí a tendência ao ceticismo. Proust e Sartre lhe andavam à cabeceira do leito. Conhecia passo a passo a Comédia Humana ...”. “A sua copiosa produção científica, de alta valia pela solidez e relevantes importância do conteúdo era, toda ela, clinicamente trabalhada no mais puro esmalte da linguagem castiça, com trasflores estilísticas de requintado apuro”, como disse muito bem Magalhães Netto^(16,19).

“Construí um mundo de idealismo e sonhos. Viveu-o intensamente. E, sublimou, na grande realidade que foi o Santa Terezinha, todos os seus anseios ...”.

Em novembro de 1969, internou-se no Hospital Português, apresentando quadro clínico grave de Insuficiência Respiratória. A agonia se processou lenta e insidiosamente, dentro daquela harmonia e dignidade que sempre mantivera. A imagem de sua morte como que se uniu para iluminar a imagem de sua vida – “morreu como viveu, qual a majestade de uma Catedral Gótica e sólida na firmeza de suas linhas”.

Sua agonia assumiu proporções do grandioso, e sua morte, do Belo Sublime em que há euritmia das formas, em que a plástica beleza e harmonia das linhas se somam à dignidade nobre, correta, imperturbável, das atitudes e expressões que caracterizam os deuses e heróis do ideal grego.

“O ateniense que sempre foi pela perfeição cultural, vivia junto ao espartano, que desconhecia a timidez, sem perder o sentido da generosidade, nem comprometer o altivo senso”.

E “no leito, nos derradeiros instantes, consciente, proferiu as palavras tristes”, conforme depoimento do seu médico, Prof. Luiz Macedo Costa: “... diga lá fóra que seu mestre está morrendo: está morrendo e está sorrindo e este sorriso, o último... é fingido”. “Naquele dia, Mestre César adormeceu ao luar”.

E o Prof^o. Estácio de Lima, no dia 5 de dezembro de 1969, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Bahia, em nome da Congregação e da Academia de Letras da Bahia, na cerimônia que precedeu ao sepultamento do Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO, assim concluiu a sua homenagem:

“Tu, César, não partes para a obscuridade e o silêncio tumular. Ascendes à eterna mansão dos grandes eleitos da inteligência e da virtude”.

SÊNECA: O bom não é viver, mas viver bem; morrer mais tarde ou mais cedo não tem importância, é morrer bem ou mal.

E o Prof^o. CÉSAR DE ARAÚJO, *“um grande médico e professor, e um dos mais caros patrimônios de valor humano que a Bahia produziu”... viveu bem...e, ..”até o fim, velou pela saúde do próximo ...”.*

Conclusão

Atualmente, os Pneumologistas baianos têm mantido contínua e profícua atividades didáticas e científicas em o nosso meio, perpetuando todo o trabalho que teve início no final da década de 1950, na 3ª Clínica Médica da FAMEB-UFBA.

Nos últimos anos houve um progresso acentuado da Pneumologia. Os grandes avanços, no que concerne à tecnologia, permitindo diagnósticos cada vez mais acurados, e à terapêutica, conduzindo à cura de doenças até então consideradas incuráveis, trouxeram novas esperanças para nossa especialidade. É verdade que o problema da Tuberculose, ainda constitui em termo de saúde pública, um grande desafio, sobretudo para os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como o nosso. Vários fatores ocorrem para tal situação: problemas sócio-culturais, falta de decisão política e incompetência administrativa das autoridades sanitárias de pôr em prática os conhecimentos científicos existentes. E, se for mantida a atual ordem econômica mundial, não se pode esperar nenhum impacto significativo sobre o problema da Tuberculose nas próximas décadas. Acresce a tudo isso a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), que tem sido o maior desafio para a Medicina.

A Pneumologia na Bahia se encontra muito bem situada no contexto nacional, despontando como um dos melhores

centros do País, haja vista a qualificação e capacitação dos seus profissionais com número crescentes de Mestres e Doutores.

Agradecimentos

Dr. Silvyo de Araújo, Lordes Gardellha, Deborah Araújo (irmãos de Dr. César de Araújo), José (Zelito) Magalhães (amigo e cliente de Dr. César de Araújo), Alda Araújo (esposa de Dr. César de Araújo), por terem cedido documentos e também pelos seus depoimentos.

Referências Bibliográficas

1. Araújo CA. “Infelizes Irmãos Nossos!” (Discurso pronunciado, ao ser instalada a Fundação Santa Terezinha), em 30 de abril de 1936.
2. Araújo CA. “Em nome dessa infância que nem sabe sorrir” (Discurso pronunciado na solenidade de inauguração do Preventório Santa Terezinha), em 17 de maio de 1945.
3. Araújo CA. “Muito Obrigado Patricios Meus” (Palestra pronunciada no Cinema Jandaia), em 9 de maio de 1936.
4. Araújo CA. “Não foi por mal, confesso, e perdõem-me...”. Carta-Resposta ao Jornal “Diário da Bahia”, publicada em 7 de junho de 1946.
5. Araújo CA. Discurso pronunciado na cerimônia inaugural do Hospital Sanatório Santa Terezinha, em 1942.
6. Araújo C.A. DISCURSOS E PALESTRAS, pronunciados na III Semana Anti-Tuberculosa, de 12 a 22 de setembro de 1946.
7. Araújo CA. O Preventório na Luta Anti-Tuberculosa (Palestra proferida no Rotary Clube da Bahia), em 20 de julho de 1969.
8. Araújo CA. “O Ramiro de Azevedo” (Discurso pronunciado por ocasião da reinauguração do Dispensário Ramiro de Azevedo), em 29 de maio de 1937.
9. Araújo CA. POLTRONA NÚMERO 26 - Discursos - Academia de Letras da Bahia, 11 de outubro de 1956.
10. Araújo CA. Tuberculose Rural e nos Pequenos Centros Urbanos. Arquivos de Higiene, nº. 1, ano 11, junho de 1941.
11. Arquivos Brasileiros de Tuberculose e Doenças do Tórax. Volumes XXIII e XXIV, Fascículo 1, 1974.
12. Boaventura E. Clementino Fraga. Revista da Academia de Letras da Bahia. XXIII: 31- 45, 1973-1974.
13. Faculdade de Medicina da Bahia. SINÓPSE INFORMATIVA - Órgão da Diretoria da Faculdade de Medicina da Bahia, Ano II – nº II - outubro de 1978.
14. Fraga Filho C. Clementino Fraga. Arquivos Brasileiros da História da Medicina 1: 18-21, 1985.
15. Maranõn G. Vocação e Ética. Livraria Progresso Editora: Salvador, 1958.
16. Pondé AA. Sob os Álamos de Cós. Universidade Federal da Bahia, 1971.
17. Silveira JJ. Uma Doença Esquecida: A História da Tuberculose na Bahia, 1994.
18. Silveira J. Sombra de uma Sigla (40 anos de IBIT), 1977.
19. Teixeira RS. Nota Especial. Revista Médica da Bahia 24: 5-10, 1978.
20. Torres UL. A Estética na Medicina. Academia Nacional de Medicina, 1967.